

Telefonema

Pergunto onde está a Inquisição e eles mandam-me ajoelhar, prometer. Perguntam-me então eles, que são quem manda, se sei dançar a Tarantela — que é uma dança que se deve dançar depois de se apanhar uma picada de um insecto mortal; uma dança que salva de uma picada. Digo que não acredito, que vim da europa onde se dança por outras razões. Mas sim, dizem-me que é *a* verdade, a tarantela, e obrigam-me a dançar —, eu que estou aqui para passear e não para ser curado. Avanças e o jogo é este: a própria vítima tem de dançar para se salvar, não interessa o que fazem os mais próximos, és tu, que foste picado, que tens de dançar, não os outros. Assim é a tarântula, assim é a cidade do México, dizem-me, e eu aceno que sim com a cabeça, mas antes do segundo passo tropeço, e os que me rodeiam riem. Ser curado pelo movimento já vi, é isso que fazem os mais

belos cristãos, que vão do fim do mundo até Santiago de Compostela, eis o caminhar que salva; mas este excesso de movimento no mesmo sítio, esta dança que salva, só no México; se parares dou-te um tiro, dizem-me, e eu agradeço esta forma de me ensinarem a dançar, de me ensinarem a salvação pelos pés, nunca pela cabeça — só os pés interessam no México, diz-me o cura, o padre que me salva obrigando-me à Tarantela.

Bebo Mezcal e conto até 3 pelos dedos e digo:

no Mural de Rivera a história lê-se, mas para a entender precisamos de ser um louco que salte com uma certa ordem. Vejo-me, pois, a saltar à corda e a aprender datas ao mesmo tempo. A minha professora dá-me um beijo na nuca e eu digo que a odeio em mau espanhol, e ela corrige-me o castelhano e não me tortura porque não quer que os meninos desistam das aulas.

No evangelho, julgo que em São Lucas, diz-se algo como isto: Aquele que depois de ter segurado no arado olhar para trás não está apto a entrar no reino dos céus.

Sim, é isso. Chamam-me, finjo que não ouço. É uma bela mulher, diz quem me acompanha, sim, estou certo disso, mas já peguei no arado, digo — e avanço.

A *Jerusalém* lá em cima, como se fosse um andar, o terceiro, o segundo — o último. Estou numa calle tenebrosa e digo: *jerusalém lá em cima*, como se estivesse louco. Aqui cortam-te os dedos, se apontas para *jerusalém*; se apontas para o céu. Não é verdade, respondo. Não acredito. Sim, tens razão — concordam eles —, é ao contrário. Cortam-te os dedos se não apontares para *Jerusalém*; se apontares para baixo, aí sim, cortam-te os dedos.

Estou um pouco tonto, endireito os óculos, pego no arado, não olho para trás. Subo pelas escadas, *Jerusalém* lá em cima, no quarto da pensão, e eu cheio de pressa

— atrás de mim, a menina a cheirar a Mezcal. Bom dia,
diz ela, o México agrada-te?

El hombre feliz

Queres encontrar o homem mais feliz do mundo e estás no México, no Zócalo, praça central, a ver que a catedral se enterra aos poucos, milímetros, ano após ano é enterrada como um vivo que enquanto caminha se afunda. Poucos milímetros a cada ano somos nós aos poucos enterrados, só que não o notamos porque é no tempo, não no espaço. Na catedral é mas fácil de ver porque há um centro que cai, nesta mais bela catedral onde o Senhor dos Venenos nos protege das invejas enquanto roubam a máquina fotográfica desse belo turista Alemão que grita num sítio onde não se pode gritar; se gritas cortam-te a cabeça, o Senhor do veneno quer pouco barulho, eis o que é, aqui estou eu, lisboa é linda, mas aqui, no México, Jesus Cristo é preto. Dizem que ficou assim, preto, porque tomou o veneno que ia para a goela do sacerdote, assim se sacrificou cristo no centro do

méxico, e por isso ficou preto, envenenado portanto; eis que saio para a rua e tal como o cristo da catedral todos os pretos que vejo eram brancos mas sacrificaram-se, todos eles (por quem?); e agora são pretos e mesmo que queiram voltar atrás não podem porque estão envenenados. Entendes? Que absurdo, não entendo, respondo a mim próprio. Que veneno é este, pergunto, e a minha guia finge que não ouve e aponta para um sítio da cidade onde está escondido o homem mais feliz do mundo. Onde é, pergunto. Ali, ao fundo, um passo antes de começar o inferno. É ali que ele está. *Si? Si.* Por isso ri tanto. — É o homem mais feliz do mundo — e a guia dá uma gargalhada. E porque se esconde ele, pergunto, porque não está no centro? e ela responde-me que eu sou estúpido; e não saio da catedral sem ser revistado, porquê ao sair, não entendo.

Um homem na praça principal fala das bicicletas que o governo estúpido lhes oferece, diz que no ciclismo os chineses começaram décadas antes dos mexicanos e por isso os mexicanos estão muito atrasados, e isto não é uma corrida, mas no final morremos todos, uns com a bala certa na cabeça, outros, como a catedral, aos poucos, cada dia milímetros de queda, só que não a notas. Para onde descai a catedral?, para a direita, respondem-me; e o mexicano pobre fala ainda dos *Deputaderos* que nada fazem pelo povo e gosto da palavra deputaderos e da minha guia. As coisas são assim; por exemplo, há um estudo que diz uma brutalidade: os doentes de Parkinson são capazes de andar de bicicleta, e explica porquê. É uma investigação importante, mas no México, diz a minha guia, mandamos foder as investigações importantes. Por exemplo, o artigo diz que um rato diante de uma roda que vê à distância fica parado sem saber o que fazer, mas se for colocado em cima de uma bicicleta adaptada, as suas patinhas *queridas* já começam a pedalar sem parar e assim, diz alguém, também acontece